

O aguardado
'Zootopia 2' chega
aos cinemas nesta
quinta-feira

PÁGINA 5



#cm
2

QUINTA-FEIRA



O premiado Márcio
Vito de volta aos
palcos com o solo
'Claustrofobia'

PÁGINA 8



A França é aqui...

até o dia 10

Maratona anual de cinema francês organizada por Emmanuelle e Christian Boudier, a Mostra Varilux muda de nome e abre sua edição nº 16 traçando um painel de inquietudes europeias com cores de excelência autoral. Páginas 2 e 3

'O Estrangeiro', de François Ozon, é uma das atrações imperdíveis do festival

Carole Bethuel Foz/Gaumont

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

FESTIVAL
DE CINEMA
FRANÇAIS
DO BRASIL
2025

Outrora chamada de Varilux, uma das maiores maratonas de projeção (e promoção) da arte europeia na

América Latina agora tem outro nome: Festival de Cinema Francês do Brasil. O rótulo é outro, a excelência é a mesma e a quantidade de títulos segue a impressionar: 20 longas-metragens inéditos mais um clássico recauchutado em cópia estalando de nova: “A Cabra”, de Francis Veber. Sua programação vai correr simultaneamente por 51 salas do país desta quinta-feira até o próximo dia 10. Na curadoria, o casal Emmanuelle e Christian Boudier assegurou a vinda de uma claque de convidados de peso (Valérie Donzelli, Salif Cissé, Fabienne Godet) e dá espaço nobre a uma das divas mais aclamadas da França nas telas, Isabelle Huppert, que visita o Rio neste fim de semana e passa por Salvador na sequência, para lançar “A Mulher Mais Rica Do Mundo”, que passa esta noite no Odeon, e terá sessão com debate nesta sexta, às 18h50, no Cinesystem Belas Artes.

O Correio da Manhã passou a programação num filtro e selecionou os títulos mais urgentes, que melhor desenharam um retrato das inquietudes francesas – com um puxadinho pra Bélgica – da atualidade.

A obra-prima deste Festival é...

O ESTRANGEIRO (“L’ÉTRANGER”), DE FRANÇOIS OZON: Não

se faz um painel coerente de estéticas francófonas sem o mais prolífico artesanato audiovisual da língua de Balzac, que vendeu meio milhão de tíquetes, em duas semanas, com sua adaptação do romance homônimo de Albert Camus (1913-1960). “O Estrangeiro” (1942) foi adaptado para o teatro no Brasil no início dos anos 2000 e reconfigurou a carreira do ator Guilherme Leme Garcia. Já em 1967, tinha sido levado ao cinema por um mestre, Luchino Visconti (1906-1976), com Marcello Mastroianni (1924-1996) como protagonista. Agora é a vez de Ozon, que se apoia no carisma de Benjamin Voisin (com quem já trabalhara em “Verão de 85”), no papel de Meursault. Fiel a Camus, o seu “L’Étranger” decorre em Argel, em 1938, onde Meursault, um funcionário discreto e modesto na casa dos trinta, comparece ao funeral da mãe sem derramar uma lágrima. No dia seguinte, envolve-se num romance casual com uma colega, Marie, e retoma rapidamente a sua rotina, sem enfrentar o luto. Contudo, a sua



O Estrangeiro

Um panorama francês nas telas

Festival do Cinema Francês do Brasil traz 20 longas inéditos e um clássico recauchutado: ‘A Cabra’, de Francis Veber

vida quotidiana é logo perturbada pelo vizinho, Raymond Sintès, que o arrasta para os seus negócios obscuros — até que, num dia de calor extremo, ocorre um acontecimento trágico numa praia: a morte de um árabe. É um Ozon em ebulição.

Outras atrações imperdíveis:
MÃOS À OBRA (“A PIED D’ŒUVRE”), DE VALÉRIE DONZELLI: O filme ganhador do prêmio de Melhor

Roteiro do Festival de Veneza, em setembro, arranca uma atuação impecável de Bastien Bouillon, que estará no Brasil para o evento de Emmanuelle e Christian Boudier. Ele encarna um fotógrafo de sucesso que abandona tudo para se dedicar à escrita, a fim de atender a um chamado da literatura, e descobre a pobreza. A duras penas ele se dá conta de que concluir um texto não significa ser publicado, ser publicado não significa ser lido, ser lido não significa

ser apreciado, ser apreciado não significa ter sucesso, ter sucesso não garante fortuna.

FANON, DE JEAN-CLAUDE BARNY: Alexandre Bouye tem uma atuação devastadora neste recorte biográfico dos feitos do psiquiatra e filósofo martinicano Frantz Fanon (1925-1961), o pensador que ousou enfrentar o sistema colonial francês, expressando suas ideias em livros como “Pele Negra, Máscaras Brancas” (1952). Em plena



O Segredo da Chef



Fora de Controle



Mãos à Obra



Maya, Me Dê Um Título



Fanon



Jovens Mães

Guerra da Argélia, sua trajetória redefiniu não só a psiquiatria e a luta anticolonial, mas a própria ideia de liberdade. O longa de Barney, que vai estar no Rio, é um retrato de precisão cirúrgica da conexão do pensador com os conflitos em terras argelinas.

FORA DE CONTROLE (“DIS-MOI JUSTE QUE TU M’AIMES”), DE ANNE LE NY: Foram os Boudier, duo curatorial do Festival do Cinema Fran-

cês, que mais ajudaram a popularizar Omar Sy em solo nacional, antes de seus tempos como “Lupin”. Ele exorta toda a maturidade que adquiriu de “Intocáveis” (2011) até hoje neste misto de drama e thriller afetivo. Há um casal em foco: Marie e Julien, vividos por Elodie Bouchez e Omar. Após quinze anos de casamento, uma crise coloca à prova a união deles. Quando Anaëlle (Vanessa Paradis), grande amor de juventude de Julien, reaparece no panorama, Marie entra em pânico. Perdida em

mestre do videoclipe resolve apostar na animação, fazendo um experimento nas raízes da colagem, estruturado como uma carta de amor à sua filha. Faz dela personagem, numa reflexão sobre como as crianças reinventam a realidade a partir de referências banais do cotidiano, como batatas fritas. Ganhou o Urso de Cristal da mostra Generation da Berlinale.

AS JOVENS MÃES (“JEUNES MÈRES”), DE JEAN-PIERRE E LUC DARDENNE: Construído como narrativa coral (com vários núcleos de personagens), o novo longa-metragem dos irmãos belgas ganhadores de duas Palmas de Ouro (conquistadas com “Rosetta” e “A Criança”) parte de um centro de acolhimento para meninas que tiveram filhos na adolescência, seja por descuido com métodos contraceptivos, seja em consequência de violência sexual. As jeunes mères do título são Jessica (Bebette Verbeek), Perla (a força da natureza Lucie Laruette), Julie (Elsa Houben), Ariane (Janaina Halloy Fokan) e Naïma (Samia Hilmi). Cada uma enfrenta um conflito que passa pela impossibilidade legal e financeira do aborto (nunca abordado por vieses moralistas ou religiosos) e pelas indelicadezas de seus responsáveis e companheiros. A saga dessas mulheres rendeu à produção a laurea de Melhor Roteiro em Cannes.

O SEGREDO DA CHEF (“PARTIR UN JOUR”), DE AMÉLIE BONNIN: Longa de abertura do Festival de Cannes deste ano, essa delícia musical foge dos códigos da Broadway. Nele, uma chef que bomba em reality shows de culinária, a bem-sucedida cozinheira Cécile Béguin (papel de Juliette Armanet), precisa voltar à cidade natal para ajudar o pai e reencontra o crush dos tempos de escola cheio de amor pra dar. O problema: ela está grávida de seu namorado. O enredo cheio de viradas afetivas ajudou a fita a vender 651 mil ingressos na França.

VIZINHOS BÁRBAROS (“LES BARBARES”), DE JULIE DELPY: Mais recente exercício de direção da estrela de “A Igualdade É Branca” (1994) e “Antes do Amanhecer” (1995). A produção ironiza o bom-mocismo da política assistencial da Europa. No enredo, os cidadãos da Bretanha decidiram por unanimidade aceitar refugiados ucranianos em troca de subsídios do governo. No entanto, em vez de ver receber uma leva de imigrantes da Ucrânia, a prefeitura local acolhe (por engano) imigrantes sírios, o que causa uma série de conflitos ligados a práticas de xenofobia. Delpy faz parte do colossal elenco, ao lado de Sandrine Kiberlain e Laurent Lafitte.

uma espiral infernal de ciúmes e autodepreciação, ela se deixa levar por um caso com seu novo chefe, Thomas (José Garcia). O sujeito se revela tão manipulador quanto perigoso. O risco redesenha o filme.

MAYA, ME DÊ UM TÍTULO (“MAYA, DONNE-MOI UN TITRE”), DE MICHEL GONDREY: Cerca de 21 anos depois de rodar “Brilho Eterno De Uma Mente Sem Lembranças” (2004), o

Divulgação



Isabelle Huppert esbanja carisma em 'A Mulher mais Rica do Mundo'

Isabelle presente... e presidente

Uma das mais prolíficas e aclamadas atrizes da Europa vem ao Rio para o Festival do Cinema Francês no Brasil e lança 'A Mulher Mais Rica do Mundo', discutindo chavões do audiovisual

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã



Presidente do júri que deu a "Ainda Estou Aqui" seu primeiro prêmio (o de Melhor Roteiro, em Veneza,

em 2024), Isabelle Huppert pode esperar muitas expressões de gratidão, em sua vinda ao Brasil, neste fim de semana, pelo que fez pelo oscarizado longa-metragem de Walter Salles - e por tudo o que já nos deu de excelência nas telas. Ela já está no país e tem compromisso com o público do Festival do Cinema Francês no Brasil já esta noite, no Odeon, em evento para convidados.

A partir de quinta, tem uma maratona de debates do longa-metragem "A Mulher Mais Rica do Mundo" ("La Femme La Plus Riche Du Monde"), de Thierry Klifa. Seu roteiro abre voz para diferentes núcleos de

personagens que exploram a protagonista, Marianne Farrère, vivida pela diva. Sua beleza, sua inteligência, seu poder incomodam. Em torno dela, há uma herdeira desconfiada que luta para ser amada; um mordomo atento que sabe mais do que diz. Segredos de família eclodem pelas trilhas de Marianne, que arranca de Isabelle (mais) uma atuação impecável.

"Cada personagem me obriga a me ajustar a contextos completamente distintos, não importa qual seja o enredo. As composições não se assemelham entre si. Tenho a sensação de que existe aí uma procura por identidade — algo que, de certo modo, espelha a própria arte de representar. Quando atuo, procuro permanecer fiel a mim mesma em cada interpretação, deixando que um pouco de quem sou atravessa o papel. Filmar torna-se mais estimulante quando somos convidados a enfrentar o insólito. E há algo profundamente singular na ideia de imaginar como reagiríamos diante de situações tão afastadas

do nosso cotidiano e da nossa experiência habitual", disse a atriz ao CORREIO DA MANHÃ na Berlinale, na Alemanha, quando a produção escalada para abrir o Festival do Cinema Francês no Brasil saía do papel. "Tudo ganha mais colorido no cinema quando operamos na chave da sutileza".

Presença nobre no Brasil, Isabelle sempre percorre os festivais do mundo. Em 2009, ela presidiu o júri do Festival de Cannes, concedendo a Palma de Ouro a seu habitual colega de trabalho Michael Haneke, por "A Fita Branca". Integrar competições é uma tarefa com a qual está habituada, em sua agenda movimentada, sempre cheia de projetos, como é o caso de "Histoires Parallèles", com que vai trabalhar com o iraniano Asghar Farhadi.

"Sempre existem cineastas com uma perspectiva sobre o mundo que pode surpreender, o que me leva a estar sempre aberta a convites e a propostas de bons roteiros. É na leitura de um bom script que eu sou fisgada e tentada

a dizer 'sim' a um convite", disse Isabelle, ao Correio da Manhã, em entrevista no Festival de Berlim (a Berlinale), em fevereiro, quando concorreu com "As Aventuras de uma Francesa na Coreia". "Não penso na qualidade de atriz que sou, e, sim, na diferença que eu posso fazer no cinema como espectadora. Atuando, sou intuitiva. Mas eu sei ver filmes e sei observar boas ideias. O que me mantém no cinema é a troca com diretoras e diretores que me tirem do maniqueísmo. Simone de Beauvoir tem um texto que se chama 'Por Uma Moral Da Ambiguidade' no qual nos alerta para o limite entre hipóteses e verdades. É esse o tipo de revelação que a arte nos dá".

Por ter positivado em um teste de covid-19 dias antes de embarcar para a Berlinale de 2022, Isabelle não pôde comparecer à cerimônia de entrega do Urso de Ouro Honorário daquele ano, que receberia pelo conjunto de sua carreira, iniciada em 1971. Teve a chance de buscar seu troféu de honra na edição do evento, da qual participou tanto na competição (com o já citado "As Aventuras de uma Francesa na Coreia", que ganhou o Grande Prêmio do Júri alemão) quanto na seção Panorama, com o delicioso policial "Le Gens d'à Côté". No papo que teve com o Correio, ela falou com carinho da boa acolhida de seus longas no Brasil.

"Eu fiquei feliz ao saber que um dos meus mais recentes trabalhos, "A Dona do Barato", que eu protagonizo, foi o filme francês de maior sucesso no Brasil durante a pandemia. Sei que tenho convites pendentes para visitar vocês, mas ainda não tive chance de dar um pulo no país de vocês. O cinema tem muitas vozes novas ativas, criando mundos próprios. Eu vivo em busca dessas vozes", disse Isabelle, que encantou a capital alemã sob a direção do realizador sul-coreano Hong Sangsoo.

Os dois fizeram juntos "A Visitante Francesa", em 2012, e "A Câmera de Claire", em 2017. A dupla retoma o convívio em "As Aventuras de uma Francesa na Coreia", que pode ser visto hoje no Prime Video da Amazon. Nele, Isabelle interpreta uma abilolada professora de Francês que engata em conversas e bebedeiras com artistas para quem leciona. Um jovem poeta e sua mãe bem intrujona integram a fauna de personagens de Sangsoo.

"Hong não trabalha com roteiro, nem com enredo definido. A gente vai criando no processo, em tramas bem-humoradas, mas carregadas de uma certa melancolia", disse a estrela, que, nesta sexta, vai debater "A Mulher Mais Rica Do Mundo" no Cinesystem Botafogo, às 18h50. "Sempre que o cinema nos oferece uma personagem feminina forte e complexa as barreiras morais são quebradas".

Divulgação/ Walt Disney Animation Studios



Ao lado da cobra Gary, Nick e Judy embarcam em aventura pelo submundo dos fundadores da cidade de Zootopia

Essa cidade ainda é o bicho!

‘Zootopia 2’ chega aos cinemas nesta quinta com história policial sobre gentrificação para as crianças

Por **Pedro Sobreiro**

Lançado em 2016, “Zootopia: Essa Cidade é o Bicho” foi uma das poucas animações originais da Walt Disney Animation Studios, sem integrar a franquia das princesas, que foi um sucesso absoluto nesses últimos 10 anos. Vencedor do Oscar de Melhor Filme de Animação e tendo arrecadado mais de 1 bilhão de dólares em bilheteria, esse filme conquistou crianças e adultos com uma trama social disfarçada de

aventura policial.

Na trama do original, uma policial coelha conta com a ajuda de uma raposa das ruas para investigar o desaparecimento de uma lontra em Zootopia, uma cidade habitada apenas por animais antropomórficos. Durante as investigações, eles descobrem um plano que procura vilanizar todos os predadores que coabitam a cidade com os herbívoros.

Com essa trama, a equipe da Disney abordou de forma explícita os problemas dos preconceitos de classe, cor e gênero, que existem até

mesmo em cidades consideradas perfeitas. E isso só foi possível porque a coelha Judy Hopps e a raposa Nick Wilde são protagonistas simplesmente apaixonantes.

Nesta quinta (27), quase uma década depois, “Zootopia 2” chega aos cinemas para uma aventura tão grandiosa quanto a original. Dessa vez, Judy e Nick estão de volta à cidade para acompanharem um novo caso, ainda mais misterioso, que envolve o roubo de um documento histórico, a aparição da primeira cobra de Zootopia em 100 anos e um plano obscuro que visa

promover o apagamento histórico de toda uma classe animal desse mundo.

O primeiro filme foi dirigido por Jared Bush, Byron Howard e Rich Moore. Dessa trinca, apenas Moore não retornou para a sequência. Ou seja, é uma continuação escrita e dirigida por praticamente todos que ajudaram a criar esse mundo, e isso reflete na manutenção do tom do original neste longa.

Ele preserva aquele senso de humor característico, enquanto aprofunda em temas complexos para a criançada, como especulação imobiliária, gentrificação de centros urbanos, manipulação política e apagamento histórico de etnias. É algo tão profundo, mas abordado de maneira tão simples que até mesmo as crianças mais novinhas vão entender, enquanto os adultos vão se surpreender com as temáticas inseridas aqui.

Claro que o preconceito é outro assunto recorrente aqui. Dessa vez, porém, o foco é mais no preconceito de classe. É um embate de membros da alta sociedade que se

acham superiores contra cidadãos comuns que querem apenas aquilo que é de direito.

Junto a isso, Nick e Judy (vividos no Brasil por Rodrigo Lombardi e Monica Iozzi, respectivamente) retornam com sua relação no centro de tudo. Eles são apenas companheiros de trabalho? São amigos? São algo mais que amigos? Eles enfrentam um estágio muito complexo de relacionamento, precisando encontrar formas para se expressarem sem machucarem um ao outro, enquanto investigam o caso mais difícil de sua breve carreira. E mesmo com esses embates, a dupla segue extremamente carismática e encantadora.

Outro ponto sensacional é a expansão desse universo riquíssimo criado em 2016. Parte central da trama são os painéis climáticos que permitem que animais de diferentes habitats convivam na mesma cidade. Com a dupla explorando novos distritos, a equipe criativa pôde trazer e adaptar novos animais para essa realidade antropomórfica, permitindo que eles encontrassem jeitos engraçados para os personagens andarem, se comportarem e até mesmo se locomoverem. Destaque especial para uma sequência ambientada em um bairro portuário, que traz barquinhos e grandes embarcações coexistindo para as diferentes espécies, assim como bares adaptados para golfinhos e tartarugas, por exemplo. São centenas de piadas visuais simplesmente fantásticas acontecendo a cada esquina.

Diante de tantas sequências desnecessárias e adaptações em live-action que a Disney vem lançando, “Zootopia 2” é como um sopro de ar fresco, apostando na originalidade e nas possibilidades infinitas de brincar com essa cidade animal e como nossos problemas de humano se refletem em meio aos bichos. É uma aventura perfeita para crianças e adultos, que vai encantar pelas cores, divertir com o carisma dos protagonistas e emocionar com a profundidade e honestidade deles. Um filme tão espetacular quanto seu antecessor e que promete não ser o último da saga.

CORREIO CULTURAL

Divulgação



Moyseis Marques e Alfredo Del Penho: amizade e parceria desde o Semente

Alfredo Del-Penho e Moyseis Marques juntos em voz e violão

Amigos de longa data, Moyseis Marques e Alfredo Del Penho se apresentam nesta quinta (27), às 20h, no Palácio da Música. O encontro dos dois cantores e compositores resgata a trajetória compartilhada pelos músicos desde o lendário Bar Semente, passando por montagens teatrais como “Ópera do Malandro” e “Barca dos

Corações Partidos”, até o coletivo Desengaiola, que formam com João Cavalcanti e Pedro Miranda.

A dupla gravou recentemente o single “Lero-Lero”, de Edu Lobo e Cacaso, para o projeto MPB Ano Zero. O repertório reúne parcerias autorais e composições que marcaram suas carreiras, em formato voz e violão.

Mundo de vinhos

Copacabana recebe domingo (30) a 2ª edição do Grand Tasting Rio de Janeiro, no Hotel Porto Bay. O evento reúne 18 expositores que apresentam mais de 100 rótulos de vinhos nacionais e importados. A feira acontece em dois turnos: às 13h30 e 18h.

Mundo de vinhos II

Sommeliers, produtores e representantes de marcas estarão presentes para orientar degustações. Os participantes recebem taça de cristal e acesso às experiências gastronômicas oferecidas pelos expositores do evento.

Menu espanhol

A Casa Milà, em Laranjeiras, promove jantar espanhol na quinta-feira (27), às 19h. O chef madrileno Pepe López criou menu em três etapas com harmonização de drinks à base de jerez, o clássico vinho fortificado da região da Andaluzia.

Menu espanhol II

Entre as opções do menu, entradas como Tosta de pan amb tomàquet con jamón e Bikini de gambas (camarão). Pratos principais incluem Arroz negro com polvo ou Bife de chorizo com chimichurri. Sobremesa: Tarta de queso vasca.

Divulgação



Jonas Sá apresenta as canções de ‘MNSTR’, seu mais novo álbum

Em nome da liberdade criativa

Jonas Sá apresenta o caldeirão sonoro do álbum ‘MNSTR’ nesta quinta no Manouche

Por **Affonso Nunes**

Jonas Sá sobe ao palco do Manouche nesta quinta-feira (27), às 21h, para apresentar “MNSTR”, seu quarto álbum de estúdio lançado em agosto. O show, batizado de “O Jonas MNSTR Show”. Após o álbum de estreia “Anormal”, Jonas consolidou-se como um criador reconhecido pela crítica especializada, com presença constante em listas de melhores discos do ano, mas que mantém uma trajetória propositalmente discreta, quase à

margem dos holofotes.

Com menos de cinco mil seguidores nas redes sociais, o cantor e compositor acumula, paradoxalmente, indicações a prêmios como o Grammy Latino e participações em discos de figuras seminais da MPB como Caetano Veloso e Gal Costa. Suas composições já foram interpretadas por Ana Frango Elétrico e Ava Rocha, enquanto suas colaborações pontuam trabalhos de artistas como Zé Ibarra, Tulipa Ruiz e Illy. É uma carreira que parece ter escolhido deliberadamente a rele-

vância artística em detrimento da exposição massiva.

O álbum que chega aos palcos agora traz no próprio título uma síntese dessa abordagem: “MNSTR” são as consoantes de “Monstro”, terceira faixa do disco, e funcionam como metáfora de um trabalho que condensa múltiplas referências sem se deixar definir facilmente por nenhuma delas. Jonas transita com desenvoltura por territórios sonoros aparentemente distantes – rock alternativo, música eletrônica, MPB, bossa nova – mas esta liberdade criativa revela um disco interessante que passeia pelas influências da black music americana, inclui um rap e não tem medo de explorar o universo das baladas românticas à moda de Roberto e Erasmo Carlos. Há espaço ainda para incursões pelo indie rock e até para um bolero cantado em espanhol.

Jonas faz de sua trajetória omo cantor, compositor e arranjador ferramenta para construir narrativas musicais diversas, entre a crítica social aguçada e um olhar atento sobre o cotidiano. Faixas como “Quanto + Idiota, Melhor” revelam uma consciência crítica sobre o tempo presente, enquanto “Musa” explora territórios mais líricos e românticos.

No show do Manouche, o público terá oportunidade de conhecer as dez faixas de “MNSTR”, mas o repertório também revisitará momentos anteriores da carreira de Jonas. Canções como “Perdidos Na Noite”, “Gigolô” e “Anormal” – que batizou o álbum de estreia em 2017 – devem aparecer no setlist.

No palco Jonas será acompanhado por Pedro Sá (guitarra), Thiago Nassif (guitarra), Paulo Emmery (baixo), Antônio Fischer Band (teclados), Thomas Harres (bateria e percussão) e Lila e Carol Maia (vocais).

SERVIÇO

JONAS SÁ - MNSTR

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983, subsolo da Casa Camolese)
27/11, às 21h
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

Esse batuque é variado

Pretinho da Serrinha recebe Os Garotin, Marina Sena e Délcio Luz na Varanda do Vivo Rio

Por Affonso Nunes

Rodas de samba são ambientes acolhedores. Que o diga Pretinho da Serrinha que, a cada semana, vem recebendo convidados que não fazem parte do universo sambista. Depois de receber Caetano Veloso e Lulu santos nas últimas semanas, o multi-instrumentista e produtor abre espaço nesta quinta-feira (27), na varanda do Vivo Rio, para Os Garotin em seu batuque do Pretinho. Marina Sena, Thaís Macedo e Délcio Luz completam a noite



Divulgação

A cada semana Pretinho da Serrinha recebe convidados para uma roda que celebra a diversidade da música brasileira

Formado em São Gonçalo por Léo Guima, Anchieta e Cupertino, Os Garotin conquistou o Grammy Latino de Melhor Álbum de Pop Contemporâneo em Língua Portuguesa em 2024. O trio mescla

R&B, soul, MPB e pop e representam uma nova geração de artistas negros que dialogam com a tradição sem se prender a ela. Desde sua criação em 2021, o Batuque do Pretinho tem se firmado como espa-

ço de celebração da diversidade musical brasileira. Vencedor do Grammy Latino como produtor musical em 2018, 2023 e 2024, Pretinho da Serrinha pensa o evento como plataforma para encontros além dos gêneros musicais. Além de Caetano e Lulu, a edição paulista do encontro reuniu Seu Jorge, Lauana Prado, Leci Brandão e Luedji Luna. Criado em Madureira, na comunidade onde nasceu o Império Serrano, Pretinho tornou-se mestre de bateria da escola aos 10 anos. Como compositor, assinou hits como “Burguesinha” e “Mina do Condomínio”, com parcerias que incluem Caetano Veloso, Seu Jorge e Marisa Monte. “O samba precisa dessa energia e dessa força, o jogo nunca tá ganhando, a gente tá sempre subindo mais um degrauzinho”, comenta Pretinho. As próximas edições confirmam participações de Péricles, Zélia Duncan, Jota.Pê e Maria Rita.

SERVIÇO

BATUQUE DO PRETINHO

Varanda do Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo) 27/11, às 20h
Ingressos: R\$ 230 e R\$ 115,00 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Reviver Emílio

Tico Moraes e a Banda Saigon apresentam tributo ao cantor Emílio Santiago nesta quinta (27), às 20h, no Blue Note Rio. O espetáculo celebra o repertório do artista com interpretações de jazz e MPB. A formação reúne Kiko Continentino (piano), Humberto Mirabelli (violão e guitarra), Xande Figueiredo (bateria) e José Arimatéia (trompete), todos músicos que acompanharam Emílio nos palcos e também trabalharam com artistas como Milton Nascimento, Mart'nália, Leny Andrade e Gilberto Gil.

Divulgação



Divulgação

Carreira revisitada

A cantora Patricia Marx apresenta o show “Nos dias de hoje - Ao vivo” nesta quinta (27), às 19h30, no Teatro Rival Petrobras. O repertório inclui sucessos de sua carreira e faixas do álbum “Nos Dias de Hoje, Esteja Tranquilo” (2024), seu mais recente lançamento e que traz oito releituras de composições de Ivan Lins, com participação especial de Seu Jorge na faixa “Abre alas”. Acompanhada por um power trio, Patricia conecta gerações de ouvintes, desde aqueles que a descobriram nos anos 1990 aos que acompanham sua evolução artística.



Divulgação

Psicodelia paranaense

A dupla paranaense 43duo faz sua estreia no Rio nesta quinta-feira (27), às 20h, no Audio Rebel, a meca carioca da música alternativa. Formado por Hugo Ubaldo (guitarra e voz) e Luana Santana (bateria, teclados e voz), o projeto de Paranaíba apresenta o terceiro álbum, “Sã Verdade”, lançado em 2025. Com sonoridade que transita entre rock e indie psicodélico assumidamente inspirado no Pink Floyd, o duo iniciou sua trajetória em 2020 e já se apresentou em festivais no Brasil, Argentina e Uruguai. A turnê nacional passa pelas cinco regiões do país.

Chegando à sua última semana, o Festival Todos no TGG - 30 Espetáculos em 30 dias recebe nesta quinta-feira (27), no Teatro Gláucio Gill, o monólogo “Claustrofobia”, espetáculo que marca ponto fundamental na carreira de Márcio Vito, ator que completa 35 anos de trajetória e acaba de conquistar reconhecimento cinematográfico de peso. Em outubro de 2025, Vito recebeu o Troféu Redentor de Melhor Ator no Festival do Rio pela competição Novos Rumos, pela atuação no filme “Eu Não Tê Ouço”, dirigido por Caco Ciocler.

Escrito por Rogério Corrêa e dirigido por Cesar Augusto, “Claustrofobia” acumula reconhecimentos significativos nas premiações mais importantes do teatro brasileiro. A dramaturgia se passa dentro de um prédio empresarial no centro de uma metrópole brasileira. Ali, Márcio Vito encarna três personagens que nunca verdadeiramente se conectam: uma executiva ambiciosa, um porteiro que sonha em ser policial e um ascensorista invisível. Por trás dessas personalidades tão distintas, emerge um microcosmo do Brasil — um prédio que aprisiona tanto quanto revela as hierarquias e contradições que definem as vidas nos grandes centros.

Neste prédio que é a cara do Brasil Márcio Vito é seu único habitante, um sobrevivente que carrega todas as vozes, todas as frustrações e todas as máscaras que a sociedade impõe. “Abandonar vícios físicos e vocais que nascem de uma prática teatral menos exigente foi meu maior desafio. Ir além de algo que já seria bom o suficiente para contar uma história era uma provocação diária do Cesar Augusto”, disse o ator em entrevista à Folha de S. Paulo.

O desafio mais profundo para o ator, no entanto, foi encarnar a responsabilidade de ser simultaneamente crítica social e testemunha. “Tive medo. Mas como costume repetir para minha filha, medo é bom”, explica o ator. “Me preparei para que cada passo na construção da peça fosse dado com firmeza e coerência dramática. Cesar me



Em ‘Claustrofobia’ Márcio Vito interpreta três personagens de mundos completamente desconectados, refletindo as contradições brasileiras

Um ator em estado de graça

O premiado ator Márcio Vito transforma prédio em metáfora para retrato da sociedade brasileira em crise

mostrou um caminho muito natural: um senhor, um ator talvez, que poderia ser ou ter sido uma das pessoas dessa história contando o que vivenciou deixando que sua memória tomasse forma em seu corpo.” Essa abordagem, de depoimento súbito sem composição prévia, faz deste monólogo uma experiência de autenticidade teatral rara.

Visualmente, a direção de Cesar Augusto opera com precisão, utilizando elementos mínimos para criar máxima claustrofobia. O cenário, assinado por Belí Araújo e Cesar Augusto, conquistou o Prê-

mio Shell 2025 em sua categoria. Nele estruturas metálicas e jogos de luz da iluminadora Adriana Ortiz — indicada ao APTR — projetam sombras que sugerem corredores, elevadores e celas, reforçando a sensação de confinamento. A trilha original de André Poyart complementa a atmosfera, com elementos que dialogam com a fala e o gesto marcado da peça.

O texto de Rogério Corrêa evita discursos óbvios. A executiva é tanto algoz quanto vítima, presa em sua própria armadilha de ambição. O porteiro sonha em se tornar

policial não como escapatória, mas como assimilação à mesma máquina que o oprime. O ascensorista, figura mais silenciosa, talvez seja o mais trágico, pois nem mesmo o desejo de mudança lhe resta. Essas três vidas nunca se conectam verdadeiramente, revelando o cerne da peça: a alienação não é acidente, mas mecanismo do sistema.

Márcio Vito executa trabalho de virtuose, transitando entre os três papéis sem jamais confundir o público. Suas transformações vocais e gestuais são perfeitas. A executiva se move com rigidez calcu-

lista, o porteiro oscila entre postura militar e resignação, o ascensorista carrega no corpo o peso de uma existência invisível. “Temos uma história essencialmente teatral. É comum que as pessoas saiam da peça com a sensação de que o teatro é potente como arte e opção narrativa. De que a arte do palco vale a pena. Acho que a evidente coletividade da peça impressiona. Ela enaltece o fazer teatral”, destaca Vito.

O sucesso da montagem proporcionou prêmios e indicações. Além do Shell de Cenário, “Claustrofobia” recebeu três indicações ao APTR 2025: Melhor Ator (Márcio Vito), Melhor Direção (Cesar Augusto) e Melhor Iluminação (Adriana Ortiz). A peça também circulou por São Paulo no Sesc Pinheiros (junho a julho), Brasília no Festival Cena Contemporânea (agosto) e diversas cidades brasileiras, sempre com casas lotadas e resposta entusiasmada do público.

A maturidade artística de Márcio Vito resplandece no palco. Vale (e muito) vê-lo em cena em “Claustrofobia”.

SERVIÇO

CLAUSTROFOBIA

Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana)
27/11, às 20h
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)